



# ASPECTOS ETNOECOLÓGICOS DA PESCA DO PITU, *MACROBRACHIUM CARCINUS*, LINNAEUS, 1758 (DECAPODA; PALAEMONÍDAE), NO RIO POJUCA (DISTRITO DE BARRA DO POJUCA, CAMAÇARI - BA).

R. S. Saraiva

Universidade Católica do Salvador, Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Fundamentos e Métodos, Av. Prof. Pinto de Aguiar, nº 2589, Pituaçu, 41 740 - 090, Salvador (BA), Brasil. Telefone: 55 71 3345 5881-braddock.biologo@gmail.com

## INTRODUÇÃO

De acordo com Souto (2007), a pesca artesanal é uma das atividades extrativistas mais antigas do Brasil, sendo essencialmente de subsistência. Para Guarim (2005), nos dias atuais, este modo de pesca passou a ser uma importante fonte de renda para as comunidades ribeirinhas.

Queiroz *et al.*, (2007) constataram que a pesca predatória da região de Macapá (AP), similar a realizada em Barra do Pojuca (BA), nem sempre feita de maneira artesanal, deve - se em grande parte ao alto valor comercial pago ao pitu (*Macrobrachium carcinus*), crustáceo da família Palaemonidae. Estes camarões são utilizados não apenas para alimentação, mas também como iscas na pesca esportiva. Segundo Pernambuco (2008), o pitu sofre com a pesca em época proibida (defeso), com bombas e, mais recentemente, com veneno.

De acordo com Queiroz *et al.*, (2007), este camarão possui hábito noturno e sua alimentação é majoritariamente detritívora, mas podendo ser onívora. Ocorrem dos estados do Pará ao Rio Grande do Sul, obrigatoriamente em rios que deságuam no Oceano Atlântico, pois suas larvas necessitam de águas salobras para realizarem a metamorfose, caso contrário morrem.

Quanto aos pescadores, Guarim (2005) afirma que o pescador ribeirinho muitas vezes se depara com legislações pesqueiras que foram criadas sem seu conhecimento e que, com seus decretos, portarias e resoluções, na maioria das vezes não lhe favorece de maneira alguma. Em muitos deles é imposta a obrigação de não utilizar redes, bombas, tarrafas, sem ao menos se darem ao trabalho de explicar a razão.

Segundo Moura & Marques (2007), uma maneira de trabalhar com estas populações ribeirinhas que tem ganhado destaque é através da etnoecologia. Trata - se de um campo de pesquisa transdisciplinar que visa conciliar a interação entre o homem e o meio ambiente a partir do entendimento de seus conhecimentos, crenças, sentimentos e comporta-

mentos, adquiridos há várias gerações, englobando os problemas ambientais daí decorrentes.

Para Begossi (2004), o conhecimento acerca da ecologia local, ao ser mantido pelos pescadores, pode contribuir para o desenvolvimento de práticas de manejo, visando conservação e sustentabilidade dos recursos pesqueiros.

Devido à ausência de trabalhos de etnoecológicos na região de Barra do Pojuca e por esta ser de grande importância tanto econômica (em virtude da comercialização do pitu) quanto ecológica (em função do Rio Pojuca e da Reserva Sapiroanga).

## OBJETIVOS

O presente artigo propõe abordar a pesca do pitu seguindo através da etnoecologia, relacionando os conhecimentos e práticas de pescadores locais com a ecologia trófica e fenologia do pitu assim como os impactos ambientais ocasionados pela pesca.

## MATERIAL E MÉTODOS

### 3.1 - Área de Estudo

O Distrito de Barra do Pojuca (12°13'60" S e 38°17'60" W), pertencente ao município de Camaçari, faz parte da região denominada de Litoral Norte da Bahia. Nesta, situa - se a Reserva Sapiroanga, com aproximadamente 600 hectares e altitude média de 200 metros. Segundo Juncá (2006), trata - se de uma área de transição entre Restinga e Mata Atlântica, com solo basicamente arenoso e vegetação que varia de arbustiva a trechos de mata secundária. O rio Pojuca separa o Distrito de Barra do Pojuca da Reserva Sapiroanga e é nesta região, que o maior número dos pescadores reside, mais especificamente no Bairro da Cachoeirinha, onde foi realizado o estudo.

### 3.2 - Coleta e Análise de Dados

Foram realizadas entrevistas semi - estruturadas com pescadores (N= 13), especializados na captura do pitu (*Macrobrachium carcinus*). A amostra dos informantes foi determinada com base no critério de tempo de residência, ou seja, entre aqueles residentes há pelo menos vinte anos na região e entre aqueles considerados pela comunidade como líderes entre os mesmos. As entrevistas levantaram dados que foram desde os chamados de usuais (nível de renda, condições de moradia, escolaridade...) àqueles ligados a produção, comercialização, aspectos ecológicos (ecologia trófica e fenologia) e interação com o ambiente. Gradualmente se constituiu uma rede de entrevistas, visando um bom tamanho de amostra. As informações foram trabalhadas através de uma abordagem emicista/eticista, onde foram comparados os conhecimentos tradicionais com os correspondentes na literatura científica, buscando uma melhor correlação com os impactos ambientais na região.

## RESULTADOS

Os pescadores residentes do Bairro da Cachoeirinha, do distrito de Barra do Pojuca, vivem em um cenário simples, onde apesar da maioria das casas serem de tijolos e não de taipa, como até pouco tempo, nenhum dos entrevistados disse possuir rede de esgoto em sua residência e a grande maioria sequer terminou o ensino fundamental (“*Eu? Só fiz até a 4<sup>a</sup> série*”). Tais dados reforçam a importância da pesca não só como subsistência, mas também como fonte de renda para famílias da região. Segundo Begossi (2004), a pesca artesanal é fornecedora de alimento e emprego para diversas populações humanas em países em desenvolvimento. Quase que a totalidade dos ribeirinhos da região vive exclusivamente da pesca realizada no rio Pojuca (“*É, a gente só pesca mesmo*”), essencialmente de pitu, mas também de peixes que ocasionalmente descem o rio (“*Normalmente é pitu, mas se descer peixe a gente pega também*”). O comércio do pescado é realizado basicamente para os restaurantes da região e para visitantes que entram em contato com os pescadores, que acabam por divulgar seus produtos (“*Vendemos pros restaurante e pra quem aparece aqui e pede ou encomenda*”).

Segundo Odum (2001) quase todos os seres humanos possuem, mesmo que vagamente, um conhecimento relativo das cadeias alimentares, já que fazem parte da mesma.

De acordo com os pescadores da região, o pitu se alimenta de qualquer animal que morre no rio (“*Come resto de tudo que é coisa morta*”), além de pequenos frutos, crustáceos e filhotes de peixes (“*Eles come de tudo, curuca, dendê, filhote de peixe, essas coisa típica de rio*”), alimentando - se escondidos nas locas das pedras (“*Eles come no fundo, lá nas pedra*”). Informação esta justificada por Figueirêdo (2005) que classificou o pitu como sendo um animal de hábito predominantemente detritívoro, ou seja, alimenta - se de restos de animais, também podendo comer organismos vivos primários, como algas, larvas de insetos, moluscos e outros crustáceos (2005).

Os pescadores afirmaram que apenas “peixes” (“*Só os peixe grande*”; ou “*Rubalo quando desce o rio*”) e o próprio homem alimentam - se do pitu (“*A gente também né? Que vende e come*”). Segundo Pough (2003), os peixes

teleosteos, como o robalo (*Centropomus spp.*), praticam a carcinofagia, ou seja, se alimentam de crustáceos, o que corrobora o conhecimento dos pescadores.

De acordo com (Fina & Ravelo 1973 apud Gonçalves 2006) a fenologia estuda as relações dos fenômenos periódicos dos seres vivos e suas relações com as condições ambientais. Souto (2007) descreveu que diversos fatores tais como: climatológicos, biológicos e hidrológicos atuando separadamente ou não, podem ocasionar importantes modificações na dinâmica de ecossistemas aquáticos. Os pescadores de Barra do Pojuca demonstraram um conhecimento significativo acerca da fenologia do animal, ainda que não realizando uma correlação exata entre tais acontecimentos citados, mas relacionando estes fatores a épocas do ano, por exemplo.

Segundo os entrevistados (“*Tem mais pitu no meio do ano*”), o que pode ser explicado pelo fato de que esta época do ano ser exatamente o período do inverno onde as chuvas são mais abundantes, o que dificulta o trabalho dos pescadores, que preferem pescar no fim do ano (“*No fim do ano é melhor, no meio tem mais bicho, mas o rio tá mais cheio, aí fica mais difícil pra gente pegar. No verão o rio seca mais aí a gente pega mais fácil*”). Por se tratar de um rio com bastantes pedras e correnteza forte, formam - se uma série de cascatinhas, o que dificulta o trabalho dos pescadores durante a época das cheias, pois a correnteza se torna muito mais violenta e arrasta as armadilhas (“covos”) colocadas pelos pescadores.

De acordo com Queiroz *et al.*, (2007), o pitu é um animal de hábito noturno e exatamente devido a conhecerem este fato, os pescadores colocam suas armadilhas durante o entardecer, a fim de capturarem os animais em seu período de maior atividade. Estas armadilhas atraem peixes e camarões, que dificilmente conseguem sair. Ao amanhecer, os pitus são retirados dos covos e então comercializados (“*A gente deixa os covos de noite nas cachoeirinhas e pega no outro dia de manhã cedo*”; ou “*Bota de noite, de dia eles tão escondido nas pedra não sai não*”).

Segundo os pescadores da região, eles obtiveram na colônia de pescadores Z - 14 (localizada em Arembepe-BA), na qual a maioria deles é filiada há a informação de que a época de desova do pitu se dá nos meses de junho e julho (“*As fêmeas tão ovada no meio do ano*”). De acordo com Figueirêdo (2005), o número de ovos varia de acordo com o tamanho do animal, podendo chegar a 200 mil. São muito pequenos e de tom alaranjado. Depois da postura os ovos são carregados pelas fêmeas, com o auxílio dos pleópodos do animal, durante 2 a 4 semanas, que é o período de incubação (“*Fica cheio de ovinho laranja preso embaixo, na barriga*”).

O período citado pelos pescadores como sendo o que há mais pitus (meio do ano), coincide com a época de reprodução e migração das fêmeas, pois estas deixam as pedras, onde ficam normalmente, tornando - se mais visíveis, enquanto migram para uma região estuarina. De acordo com Figueirêdo (2005), após a eclosão dos ovos, as larvas permanecerão nesta região até completarem suas diversas fases de desenvolvimento e metamorfose, chegando à fase juvenil, quando farão o caminho de volta à água doce. Por este motivo os pescadores encontram mais facilmente os animais, daí a importância de se evitar a pesca nesta época do ano.

Segundo Figueirêdo (2005), a ecdise corresponde a uma

época de extrema importância para o pitu, pois determina o crescimento do animal e mudanças de fase como, por exemplo, da larvar para a pós-larvar e da juvenil para a adulta. Quando ocorre a muda, por exemplo, da fase juvenil para a adulta, segundo os pescadores, torna-se mais difícil a pesca, assim como encontrar os pitus que estão neste estágio (“*É mais difícil quando tem pitu mole, mas se vai misturado a gente pega*”; ou “*É difícil aparecer assim, eles foge*”). De acordo com Moreira & Pinto (2005), os pitus acabam por realizarem canibalismo durante a fase de ecdise, o que poderia justificar o fato dos animais tornarem-se mais reclusos nesta época.

Ao longo dos anos, a excessiva pesca de fêmeas em desova sem fiscalização contribuiu muito para este cenário atual que está chegando a níveis preocupantes. Segundo os pescadores não somente o preço subiu, como o número de animais caiu vertiginosamente no trecho do Rio Pojuca, utilizado por eles, por ação do homem (“*Tem diminuindo por culpa do homem*”). De acordo com eles, alguns pescadores estão utilizando veneno (carrapaticidas) no rio para pegar pitu (“*Dissolve o veneno lá e os pitu bóia, só que aí acaba com tudo*”; ou “*O Barrage vai na correnteza e vai matando tudo, os grande e os pequeno, vai até longe. No verão é tempo de jogarem mais porque o rio tá vazio*”) sem a menor fiscalização por parte dos órgãos ambientais competentes. Souto (2004), registrou que determinadas práticas podem acabar causando danos a eles mesmos, além da possibilidade de haver conflitos entre membros da comunidade que utilizam diferentes metodologias para pesca.

Um dos pescadores entrevistados, residente na região desde seu nascimento, explicou que há pouco mais de um ano a maioria dos pescadores da região se filiaram a uma colônia de pescadores (Z - 14) existente em Arembepe, Camaçari (BA), onde se firmou o acordo de que eles não pescariam em época de desova do animal, ou seja, junho e julho, e em troca receberiam um salário mínimo como compensação, mas segundo este mesmo pescador o acordo não foi cumprido (“*Tem mais de um ano que a gente se filiou lá no Z - 14 em Arembepe e não recebemo nada ainda, desse jeito vão continuar usando o veneno e daqui a pouco tempo não vai ter mais pitu*”). De acordo com ele, estão colocando a responsabilidade de controlar estes pescadores que fazem uso de veneno nos que não usam (“*Quem devia tomar conta não faz questão de descobrir quem jogou o veneno, pedem é pra gente tirar foto na hora e levar pra polícia, agora vê se pode isso? Nem máquina pra tira foto a gente tem*”).

Recentemente a situação ganhou mais um agravado, que foi a proibição da pesca do pitu, por órgãos fiscalizadores competentes, pondo em risco a sobrevivência de todos aqueles que dependem deste recurso.

## CONCLUSÃO

Os resultados obtidos permitem afirmar que os pescadores do pitu de Barra do Pojuca possuem significativo conhecimento acerca do animal e o ambiente onde estes residem, sendo muitas vezes equivalente com o conhecimento

biológico acadêmico. Estes conhecimentos são importantes para uma melhor compreensão da biologia do animal e de como se dá o processo de produção pesqueira da região. A relação homem - pitu é fundamental para ambos os lados, tanto para a conservação deste último, tão ameaçada ultimamente, quanto para a sobrevivência do próprio homem. Faz-se então necessário um maior número de trabalhos de pesquisa na região para uma melhor compreensão desta ligação tão conturbada nos últimos tempos.

## Agradecimentos

Gostaria de fazer um agradecimento especial ao Prof. Esp. Paulo Tadeu Silva Costa e ao Prof. Dr. Francisco José Bezerra Souto por toda a atenção dedicada ao trabalho.

## REFERÊNCIAS

- Begossi, A., 2004, Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia. Hucitec, 1ª ed., São Paulo, p. 187 - 193.
- Figueirêdo, R. B., 2005, Pitu-o camarão rei dos rios. Nordeste Rural, Pernambuco. Disponível em: <[www.nordesterrural.com.br/matler.asp?newsId=2745](http://www.nordesterrural.com.br/matler.asp?newsId=2745)>. Acesso em: 01 de novembro de 2008.
- Guarim, V. L. M. S., 2005, A Educação e a sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas de Mato Grosso, Brasil. Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi, ser. Cienc. Hum. [online]. vol.1, no.1 [citado 02 Setembro 2008], p.20 - 22. Disponível em: <[http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1807-53982005000100002&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-53982005000100002&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1807 - 5398. Acesso em: 27/08/2008 às 09h.
- Juncá, F. A., 2006, Diversidade e uso de habitat por anfíbios anuros em duas localidades de Mata Atlântica, no norte do estado da Bahia. Revista Biota Neotropica, vol. 6, nº 2, p. 3 - 4.
- Moura, F. B. P. & Marques, J. G. W., 2007, Conhecimento de pescadores tradicionais sobre a dinâmica espaço-temporal de recursos naturais na Chapada Diamantina, Bahia. Revista Biota Neotropica, vol. 7, nº 3, p. 120 - 121.
- Pough, F. H., 2003, A Vida dos Vertebrados. Atheneu, São Paulo. 6ª ed., cap. 6, p. 137 - 142.
- Queiroz, J. A. C.; Silva - Júnior, A. C. S.; Trindade, P. A. A.; Silva, R. S.; Sá - Oliveira, J.C.; Souto, Q. R. N. P., 2007, Relação peso - comprimento do camarão pitu *Macrobrachium carcinus* (Crustacea, Decapoda, Palaemonidae) do estuário norte do Amazonas, Macapá-AP. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, p. 1.
- Souto, F. J. B., 2004, A Ciência que veio da lama: uma abordagem etnoecológica abrangente das relações humano/manguezal na comunidade pesqueira de Açupe, Santo Amaro, Bahia. Tese de Doutorado. Universidade de São Carlos, São Carlos.
- Souto, F. J. B., 2007, Uma abordagem etnoecológica da pesca do caranguejo, *Ucides cordatus*, Linnaeus, 1763 (Decapoda: Brachyura), no manguezal do Distrito de Açupe (Santo Amaro - BA). Revista Biotemas, vol. 20, nº 1, p. 69 - 80.